

ATA N.º 13 – 2021-2025

Sessão Extraordinária do 25 de Abril.

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três, na Sala Principal do Cineteatro Alba, nesta cidade de Albergaria-a-Velha, reuniu a Assembleia Municipal de Albergaria-a-Velha, em Sessão Extraordinária, sob a presidência do Senhor Presidente, Mário Rui de Almeida Branco, que declarou aberta a sessão pelas 16:19 horas, secretariado pela primeira Secretária, Sandra Margarida Pereira Marcelino, e pelo segundo Secretário, Martinho Nuno de Jesus da Silva, com a presença dos seguintes Membros da Assembleia Municipal: do CDS-PP, Rui Manuel Pereira Marques, Luís Serafim Baptista da Silva, Arménio Henrique Oliveira Martins Silva, Cristina Margarida Rodrigues Sequeira, Ana Carina Brandão Amaral, Pedro Jorge Rebelo Tavares, Tiago Alexandre Rodrigues Valente, Carla Cristina Caetano Castro, Filipe Eduardo Sarabando Marques e Maria da Conceição Gomes Vieira, em substituição; do PPD/PSD, Sara Fernanda Vinga da Quinta, Luís Fernando Leal Duarte Oliveira, João Filipe Tavares de Almeida, Cristina Maria Pereira Faria Baixinha, em substituição, Nélia Maria Martins de Almeida Oliveira, em substituição, e Mário Américo de Oliveira Souto, em substituição; do PS, Firmino Ruas Mendes. -----

As substituições foram efetuadas nos termos do artigo 78.º da Lei n.º 169/99 de 18 de setembro, na sua atual redação. -----

Igualmente compareceram os representantes das Juntas de Freguesia, assim distribuídos: Victor Manuel Pereira Loureiro, a quem foi verificada a identidade e legitimidade para o exercício de funções na Assembleia Municipal, em substituição de Jorge Manuel Lemos Silva, Presidente da Junta de Freguesia de Albergaria-a-Velha e Valmaior; António Oliveira Duarte, pela Junta de Freguesia de Alquerubim; Hélder António de Almeida Brandão, pela Junta de Freguesia de Angeja; José Carlos Estrela Coelho, pela Junta de Freguesia da Branca, Henrique Daniel Silva Caetano, pela Junta de Freguesia de Ribeira de Fráguas, e Ana Maria de Melo Bastos Silva, pela Junta de Freguesia de São João de Loure e Frossos. -----

Pela Câmara Municipal estiveram presentes o Senhor Presidente, António Augusto Amaral Loureiro e Santos, e os/as Senhores/as Vereadores/as, Delfim dos Santos Bismarck Álvares Ferreira, Catarina Rosa Ferreira Soares Mendes, Sandra Isabel da Silva Melo Almeida e José António Nogueira Souto Amaro Pereira, do CDS-PP; Pedro Eduardo Trigo Araújo e Nuno Gilberto Silva Ribeiro, em substituição, do PPD/PSD. -----

Faltou justificadamente Carlos Manuel Moreira Branco, cidadão imediatamente seguinte na ordem da lista dos candidatos à Assembleia Municipal, pelo PPD/PSD, convocado para a presente sessão, em substituição. -----

Substituições: apresentaram substituição na presente sessão os seguintes Membros Municipais: Eva Catarina Nunes Pereira de Pinho Barreira Lemos, do CDS-PP, Eduardo Nuno Alves de Castro e Pereira Marques, Rui Pedro Figueiredo Marques, José Licínio Tavares Pimenta e Ana Luísa Silva Souto, do PPD/PSD. Apresentaram ainda substituição o Vereador Pedro Miguel Campinos Pintor, do PPD/PSD, e

o Presidente da Junta de Freguesia de Albergaria-a-Velha e Valmaior, Jorge Manuel Lemos Silva. -----

O Presidente da Assembleia Municipal deu início à sessão cuja Ordem do Dia foi publicitada pelo Edital nº 28/21-25, que se transcreve: -----

“A – Período da Ordem do Dia: -----

Ponto único - Comemoração do 49.º aniversário do 25 de Abril -----

B – Período de Intervenção aberto ao Público (limitado às questões constantes da Ordem do dia)” -----

A – PERÍODO DA ORDEM DO DIA -----

Ponto 1 – COMEMORAÇÃO DO 49.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL -----

Presidente da Assembleia Municipal – iniciou os trabalhos com a intervenção, que a seguir se transcreve: “Boa tarde a todos. Declaro aberta a Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal Comemorativa do 25 de Abril. Saúdo os Srs. Secretários da Mesa da Assembleia, os Srs. Membros Municipais, o Sr. Presidente da Câmara Municipal e os Srs. Vereadores. Saúdo os Srs. Autarcas e ex-Autarcas presentes. Saúdo o Sr. Comandante do Posto Territorial da GNR de Albergaria. Saúdo o representante da Direção da Associação Humanitária e o Sr. Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha. Saúdo o representante do Sr. Arcipreste de Albergaria. Saúdo os representantes do Ensino Público e Privado de Albergaria, os seus Professores e alunos. Saúdo o Sr. Provedor da Misericórdia, bem como os representantes das IPSS, das Coletividades Culturais, Desportivas, Educativas, Musicais, Recreativas e Formativas do Concelho. Saúdo os representantes dos partidos políticos. Saúdo os funcionários do Município de Albergaria. Saúdo a Imprensa. Saúdo todos os convidados. Saúdo ainda o público que nos acompanha nesta Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal comemorativa do 25 de Abril. Quero iniciar esta Sessão pedindo um minuto de silêncio em solidariedade com as inocentes populações civis que, num qualquer conflito e em qualquer parte do mundo, sofrem colateralmente os inaceitáveis horrores da guerra. Obviamente, pela atualidade e dimensão, a nossa solidariedade abraça o sofrido povo ucraniano. No final do minuto de silêncio, peço um caloroso aplauso pela Liberdade e pelo privilégio, brutalmente negado a milhões e milhões de seres humanos por esse Mundo fora, que é viver em Liberdade. Obviamente que esse aplauso pela Liberdade encerra a obrigação de cuidar dela, para que nada nem ninguém a possa limitar ou extinguir.” -----

Minuto de silêncio / Aplauso pela Liberdade -----

Presidente da Assembleia Municipal – informou que a Sessão Extraordinária evocativa do 25 de Abril contará com a intervenção de quatro alunos dos estabelecimentos de ensino do Concelho de Albergaria-a-Velha, resultado do desafio lançado à Escola Secundária do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha, à Escola Básica 2/3 da Branca, ao Colégio de Albergaria e à ART’J – Escola Profissional de Artes Performativas da Jobra para participarem nesta comemoração, através da

elaboração e apresentação de um texto subordinado ao tema “O 25 de Abril. O que foi e o que é?”. Todos os estabelecimentos de ensino responderam afirmativamente ao desafio, pelo que participaram nesta sessão os alunos selecionados. Acrescentou que a perspetiva intergeracional do que foi e o que é o 25 de Abril é fundamental para adequar a transmissão do que é a liberdade e a sua superior importância. Agradeceu às Direções dos identificados Estabelecimentos Escolares, aos Srs. Professores intervenientes e obviamente a todos os alunos pela maneira pronta e empenhada com que responderam a este desafio da Assembleia Municipal. Agradeceu ainda à Sr.ª Vereadora Dr.ª Catarina Mendes a mediação solícita e competente entre a Assembleia Municipal e os estabelecimentos escolares. Deu início à intervenção dos alunos, chamando Marco Marquez, aluno da Escola Secundária do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha. -----

Marco Marquez – Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha – leu o seguinte texto: “Era uma manhã comum, de uma quinta-feira de abril, de Primavera. Maria acordou cedo, como acontecia em cada dia da semana, porque tinha que fazer a viagem até à cidade, onde frequentava o liceu. Naquela quinta-feira, pareceu-lhe estranho que os portões do quartel, onde o pai servia no exército, estivessem fechados. Só já dentro da sala de aula entendeu porque, depois de acordar, ouvira repetidamente na rádio, entre diversas músicas, o locutor repetir textos que terminavam sempre com a afirmação: Viva Portugal! Nas aulas, os professores foram informando que estava a acontecer uma Revolução e explicavam o que isso significava. Relacionavam o que agora acontecia com uma ocorrência que tinham presenciado umas semanas antes, mesmo frente ao liceu - aquele homem, que fora surpreendido e preso por dois outros homens, não tinha cometido qualquer crime: era um comunista que vivia na cidade e fora preso por agentes da polícia política. Naquele dia não teve aula de Física e Química; soube mais tarde, que o professor, que era capitão e servia no quartel da cidade, era um dos militares envolvidos na Revolução. Aquele, e os dias seguintes, foram dias de sentimentos contraditórios: na sua tenra idade nunca tinha ouvido falar tanto em Revolução, mudança, comunismo, socialismo, fim ao fascismo; fascismo nunca mais! Liberdade! Quando estava em casa não saía de frente da televisão, para assistir em direto, aos diversos factos que transformavam o país. Quase uma semana depois, ouvia pela primeira vez falar em Dia do Trabalhador! E de novo, na televisão, apresentavam-se reportagens feitas nas mais diversas cidades do país, testemunhando a alegria de uma população que pela primeira vez tinha oportunidade de celebrar em Liberdade, tão importante feriado Os primeiros anos depois de abril de 1974, foram atribulados e de instabilidade – tentativas de revolução e contrarrevolução, manifestações, greves, atentados contra figuras políticas e públicas por fações políticas rivais, regresso e integração dos então denominados retornados das ex-colónias, na sociedade portuguesa, dissolução de governos e realização de eleições...às quais o eleitorado respondia com participação relevante e entusiasta. A maioria dos portugueses viveu intensamente a transição para a Democracia! Todos trauteavam músicas e canções que celebravam a Revolução, e muitos repetiam palavras que se tornaram de ordem no quotidiano dos portugueses: “o povo é quem mais ordena”; “fascismo nunca mais”; “a luta continua”; “o povo unido nunca mais será vencido”; eleições; debates políticos; descolonização; retornados... e sempre: Democracia e Liberdade! Maria lembra-se que, cerca de 10 anos depois da Revolução dos Cravos, o caminho para a Democracia ficava consolidado. Em 1985, Portugal assinava o Tratado de adesão à Comunidade Económica

Europeia, estabelecendo vínculos com algumas das mais prestigiadas sociedades democráticas do Mundo. Como a maior parte dos jovens da sua geração, as suas vidas refletiam as transformações que a integração na CEE proporcionou: Um vasto programa de obras públicas modernizou o país e aproximou os portugueses das diferentes regiões; A economia convergia com a Europa a um ritmo que admirava os analistas, descendo a taxa de desemprego e crescendo o nível das remunerações; Socialmente assistia-se à melhoria das regalias sociais, à expansão do acesso ao ensino e ao aumento do bem-estar e do consumo privado. As décadas seguintes ficaram marcadas por profundas transformações, que tiveram repercussões profundas em Portugal e no Mundo. Primeiro, a implosão do Bloco Comunista na Europa na sequência da queda do Muro de Berlim, em 1989, depois o 11 de Setembro de 2001, entre outros acontecimentos, alteraram a ordem internacional e provocaram a escalada de inúmeros problemas aos Estados – novas correntes migratórias que criam muitas vezes rejeições e reações xenófobas nos países de acolhimento, escalada de terrorismo aliado a organizações internacionais criminosas, proliferação de armamento e falta de normativos eficazes para controlo da sua utilização. No último ano, o desenrolar de uma nova guerra na Europa, de que não se adivinha o término e qual o desfecho. Internamente, em virtude da conjuntura de dificuldades que marcou a entrada no novo milénio – sucessivos choques petrolíferos, recessão mundial relacionada com a crise dos mercados financeiros em 2008, resgate financeiro em 2011, o elevado desemprego, a degradação das condições de vida e o aumento dos índices de pobreza entre franjas da classe média, contrariam a imagem de relativo desafogo que marcou o período final do segundo milénio. Agora, aquela adolescente que vivenciou o tempo da Revolução e de construção de Democracia, que como os da sua geração acreditou que era possível conhecer a Paz, que a segurança, a felicidade, a Democracia e a Liberdade, estavam ao alcance de todos, teme que o acontecimento se transforme em sonho breve, no percurso de uma vida. Os agentes políticos terão que agir com verdade, não pactuar com atos de corrupção, exercer cargos com sentido de serviço, para evitar a crise de credibilidade que se instala entre o eleitorado e a afirmação inquietante de forças políticas extremistas que, como no passado, poderão levar à afirmação de totalitarismos. E talvez, ainda seja possível cumprir Abril! Viva a Liberdade! Viva a Democracia! Que sejam cumpridos os objetivos da Revolução de Abril!”. -----

Eram cerca das 16:32 horas, ausentou-se Sala Principal do Cineteatro Alba, o Membro Municipal Filipe Eduardo Sarabando Marques do Grupo Municipal do CDS-PP.-----

Presidente da Assembleia Municipal – agradeceu a intervenção e convidou o Líder do Grupo Municipal do Partido Socialista Firmino Mendes para entregar umas pequenas lembranças da Assembleia Municipal (Livro da Assembleia Municipal: A Assembleia Municipal de Albergaria-a-Velha e os seus Membros 1977-2017; Livro “Era uma vez o 25 de Abril”, da autoria de José Fanha e o Certificado de intervenção nesta Cerimónia evocativa do 25 de Abril da Assembleia Municipal de Albergaria-a-Velha). Deu seguimento às intervenções, convidando a aluna Mariana Alves, da Escola Básica 2/3 do Agrupamento de Escolas da Branca. -----

Mariana Alves – Agrupamento de Escolas da Branca – leu o seguinte texto: “Quase 50 anos se passaram e ainda sinto o cheiro dos cravos, o barulho da multidão e o calor humano de quem se havia

juntado à revolução. Lembro-me de tudo como se tivesse sido ainda hoje de manhã...- Mariaaaaa! - gritou a minha mãe na madrugada daquele excelso dia. Acordei sobressaltada, desci as escadas a correr e, já na saleta, vi a minha mãe e o meu irmão Pedro debruçados sobre o velho aparelho de rádio, uma relíquia herdada da saudosa tia-avó Doroteia. Do lado de fora da porta da entrada, ouviam-se os vizinhos a chamar uns pelos outros, alvoroçados, enquanto no aparelho de rádio da saleta uma voz poderosa proclamava: *"Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas. Conforme tem sido transmitido, as Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje uma série de ações com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina"*, e, na rua, ao longe, ouviam-se os motores de veículos em movimento, que seriam do MFA. Eu, com a minha tenra idade de apenas 7 anos, não entendia nada do que estava a acontecer, mas sabia que era muito importante, porque minha mãe coçava o queixo com um ar pensativo e mostrava que estava a prestar profunda atenção. Pouco depois, ouvia-se pelas ruas a Grândola Vila Morena, de Zeca Afonso, o grito "O povo unido jamais será vencido" e os aplausos fartos da multidão. Entretanto, bateram-nos à porta, e eu, com medo, escondi-me debaixo da mesa enquanto a minha mãe a abria. Saí logo após perceber que era a Ti Lucinda. Ela e a mãe eram velhas amigas. Lembro-me de as ouvir falar sobre um homem chamado Salgueiro Maia. Comentavam o facto dele, juntamente com um grupo de militares, ter saído de Santarém e estar a dirigir-se para Lisboa (mais tarde, soube que o grupo de Salgueiro Maia foi cercar o quartel da Guarda Nacional Republicana, no Largo do Carmo, onde estava Marcello Caetano, o sucessor de Salazar, porque o queria prender). Voltei para o meu quarto e deixei minha mãe e a Ti Lucinda a falar, porque entendi que aquilo era conversa de adultos. Mais tarde, a minha mãe disse para me vestir, porque íamos sair. Achei estranho, dado o que tinha acontecido no despertar do dia, mas assim fiz. Para minha surpresa, a minha mãe levou-nos para junto da multidão que se tinha juntado nas ruas, formada por gentes de todas as idades e condição social e pelos militares. Depressa recebi um cravo vermelho e vi a mesma senhora que mo tinha dado, a dar um a cada uma das pessoas ali à volta. E, se os soldados enfiaram os cravos na ponta das espingardas, os civis, na sua maioria, puseram o cravo ao peito. Eu, embriagada pela alegria daquela imensa multidão, levantei o meu cravo o mais alto que o meu pequeno braço permitiu... e alguém fotografou, fotografou...Ouviram-se tiros e eu comecei a chorar com medo, mas a minha mãe baixou-se e disse-me ao meu ouvido: "Não te preocupes, meu amor, isto é bom. Estamos aqui todos para acabar com a ditadura e com tudo o que ela tem de mau. Vamos ser livres. Livres!" - como tenho saudades de ouvir a sua voz... Naquela manhã de abril Portugal mudou, muito... O meu irmão Pedro não teve que sair de Portugal e não foi para a Guerra Colonial e, anos mais tarde, ambos pudemos votar. Que alegria, ter uma folha na mão, com vários partidos, e poder colocar uma cruz naquele que entendi ser a escolha acertada naquele momento, na certeza de, no sufrágio seguinte, ter a oportunidade de alterar o sentido de voto, por incumprimento das promessas feitas! Aquele dia ficou conhecido como o dia da Revolução dos Cravos ou Dia da Liberdade. Todos os anos é celebrado, com um feriado e várias cerimónias, e eu, nesse dia memorável, compro sempre um ramo de cravos e levo à campa da minha mãe. O dia 25 de abril de 1974 foi um dia histórico, que eu jamais esquecerei, e conto-vos agora esta história para que entendam a sua importância. Hoje, os jovens, ou não comemoram o dia 25 de abril ou fazem-no de uma forma muito diferente, porque não entendem verdadeiramente o preço da liberdade, um valor universal de cada um deveria respeitar em cada momento, tendo sempre presente que a liberdade de um acaba onde a liberdade do outro começa.

Infelizmente, há cada vez mais pessoas que se excedem invocando a sua liberdade, o que é errado... Hoje, multiplicam-se as manifestações de descontentamento, reclama-se de tudo e de nada, parece que já ninguém é capaz de expressar as suas próprias opiniões e pontos de vista sem violência... Naquele dia, o objetivo não era criar esse tipo de liberdade, onde se procura atingir os fins sem olhar aos meios. Não era criar ainda mais revoltas e violência, mas sim abrir uma janela de oportunidade para cada um expressar a sua opinião de forma livre mas com pleno respeito pela liberdade dos outros. Lembro-me tão bem da felicidade nos olhos de minha mãe, ao dizer, naquela manhã de abril de 1974: "Vamos ser livres. Livres!"... Sim. Hoje temos total liberdade para escolhermos os nossos representantes políticos, para emitirmos a nossa opinião (embora muitos o façam excedendo os limites da sua liberdade e invadindo a liberdade dos outros), para frequentarmos de forma massiva o ensino, para acedermos aos serviços de saúde... Mas, dói-me a alma por assistir ao aparecimento de partidos e políticos que usam e abusam de retóricas demagógicas e xenófobas, de políticos que se servem da sua influência e dos cargos que ocupam para tirar, contornando ou desrespeitando a lei, proveito pessoal... Por favor, honremos todos abril e façamos da liberdade a bandeira de uma verdadeira sociedade dos valores. Que todos possamos, como o fez a minha mãe, naquela histórica madrugada, gritar bem alto: Livres! Somos livres!" -----

Presidente da Assembleia Municipal – agradeceu a intervenção e convidou o Líder Municipal do PPD/PSD Sara Quinta para entregar as lembranças da Assembleia Municipal. Dando continuidade às intervenções, convidou a intervir Ana Rita Ramalho, aluna do Colégio de Albergaria. -----

Ana Rita Ramalho – Colégio de Albergaria – leu o seguinte texto: “O 25 de abril de 1974 foi um acontecimento importantíssimo na história de Portugal. Foi dia em que o povo se uniu ao exército e, juntos, liderados pelo então presidente do Conselho de Ministros, Marcelo Caetano, marcharam com valentia e ousadia pelos seus direitos, derrubando o regime autoritário que governava a sua pátria há 48 anos. A Revolução dos Cravos, como ficou conhecida, marcou o início de uma nova era para Portugal e para o mundo. Uma nova época de liberdade - liberdade de expressão, liberdade jornalística e política. O povo português estava de novo livre. Neste dia, há 49 anos, ouvia-se tocar na rádio a famosa música de Zeca Afonso que nos guiou na revolução que hoje aqui celebramos. Lutamos sem balas, somente corações, pelo direito de sermos livres, pelo direito de falarmos sem ter medo - direito de viver, direito à propriedade, à arte, à liberdade de expressão; lutamos pelo direito de amarmos, vivermos, sentirmos, sem termos alguém que nos comandasse a fazê-lo. Uma data marcada nos livros de História como o dia que Portugal decidiu voltar a tomar pelas rédeas o rumo da nação. Hoje, quase 50 anos depois, perdemos a vontade de mudar. Verdade seja dita, portugueses, estagnamos. A ânsia de progredir, a vontade de descobrir, que guiou os nossos antepassados pelos mares adentro há centenas de anos, foi-se. A valentia de fazer frente a um governo, de exigir mudança, que impulsionou aquela manhã de abril há meio século, morreu com os cravos. No tempo da sombria ditadura, o povo era educado para não perguntar - aceitar, sem questionar, pois alguém por eles haveria de pensar. Hoje, em plena democracia, onde metade do povo decide uma maioria absoluta (pois a abstenção chegou quase aos 50%), pergunto-vos, portugueses adultos, como se desculpam de deixarem os outros escolher por vocês? Como se justificam perante nós jovens, portugueses adultos do futuro?

Festejamos aqui hoje a liberdade como um direito, esquecendo-nos, porém, do dever que a liberdade nos dá, de trabalharmos e decidirmos, como um povo, por um futuro melhor para TODOS. Não queriam liberdade? Então porque nos deixamos ser influenciados pelas opiniões dos outros, em vez de procurarmos os nossos próprios argumentos. Liberdade? Num país onde a corrupção e o nepotismo abrem noticiários e fazem capas de jornal. Liberdade, onde a polarização da media parece ser intencionalmente escrita para acentuar as diferenças políticas entre esquerda e direita. Liberdade, onde tudo o que não seja o "politicamente correto" é ofensivo. Liberdade, porque a nossa parece ser forte com os fracos e fraca com os fortes. Liberdade, quando, segundo Luísa Loura, diretora da Pordata em 2022, "Sem os apoios sociais, 4,4 milhões (de portugueses) são pobres ou têm rendimentos abaixo do limiar da pobreza". Liberdade. Antes de 1974 éramos cordeais e obedientes, mas revolucionámo-nos, e agora obedientes e cordeais nos tornamos. Podem achar que não sei do falo, afinal, nunca tive de experienciar uma ditadura em primeira mão. No entanto, sou incapaz de me dar aos festejos do sucesso de outrora, sem antes analisar o meu país de agora. Sinto-me sem esperanças. Este ano atinjo a maturidade, um aniversário marcado pelo começo da minha vida adulta, mas é também um aniversário marcado pelo receio da falta de perspetivas de futuro. Portugal, tenho medo, na verdade, temo pelo futuro do meu país. É-me difícil festejar liberdade quando tantos da minha geração têm cada vez maiores dificuldades em sair das casas dos pais. Quando estudar fora do distrito se torna praticamente inexequível devido ao aumento das rendas. Quando ouço relatos de jovens adultos a precisarem de se equilibrarem entre dois empregos para poderem conseguir pagar habitação. Quando sinto o medo e o declínio da saúde mental nos meus próximos - por razões económicas, políticas e sociais - é-me difícil solenizar. Ensinamos à nossa juventude a antiga glória da nação - o patriotismo da conquista dos mares, a idealização do império, a bravura da implementação da república. Expomos-lhe Camões e sua epopeia homenageante, analisamos Fernando Pessoa e a sua obra de glorificação da pátria. Como se devem sentir os jovens, quando não veem este universo refletido na sua realidade? Esta emoção de sentir que a glória de outrora poderá não voltar. Portugal, hoje, 49 anos depois, está na altura de nos revolucionarmos de novo. Revolucionarmos a pensamento da nação. É necessária uma reforma das mentalidades - estamos estagnados no progresso. Ninguém vai lutar pelo futuro do nosso país se nós não o fizermos, se não exigirmos que o seja feito. Acredito em nós, no nosso país, acredito na democracia e na nossa força de vontade. Acredito que se quisermos poderemos mudar o rumo do destino. Acredito na liberdade, nos direitos do cidadão. Sinto que após o 25 de abril houve uma grande preocupação com os direitos, mas, numa democracia séria, acho também necessário preocuparmo-nos com os deveres cívicos. Portugal é uma nação com uma história rica e vibrante. Somos uma nação de tradições, onde o fado, o futebol, a gastronomia e a arquitetura são algumas das expressões mais autênticas da nossa cultura. Somos um povo caloroso, hospitaleiro e que sabe receber bem quem nos visita. Temos um património natural único, com praias, serras, rios e vales que encantam quem por aqui passa. Como povo enfrentamos diversos desafios - desde as batalhas épicas que lutamos para manter nossa independência, até às dificuldades económicas que enfrentamos como uma nação em desenvolvimento. Olhando para o presente, vejo um Portugal forte e resiliente, com potencial de crescer se acreditar em si mesmo. Não nos podemos dar ao luxo de nos tornarmos complacentes. Ainda há muito trabalho a ser feito para garantir que Portugal possa ter a hipótese de prosperar e de crescer. Precisamos de investir na nossa educação, saúde e infraestruturas, para que

possamos oferecer às próximas gerações a oportunidade de alcançar seu pleno potencial. Devem-nos isto. Devemos-lhes isso. É necessário promover a inovação e a criatividade no mundo empresarial e tecnológico para podermos continuar a prosperar como povo e nação. Eu acredito que Portugal, se quiser, tem um futuro brilhante pela frente. Estou confiante de que, com trabalho duro, dedicação e amor por nossa pátria, podemos fazer deste país o país que Camões e Pessoa cantaram, o país que os nossos antepassados imaginaram quando marcharam de cravos nas mãos. Peço-vos então, hoje, portugueses adultos, ergam-se das cinzas e renasçam. Trabalharemos como um só para fazer deste país um lugar melhor para viver. Vamos valorizar as nossas tradições e promover a nossa cultura. Vamos ser o povo unido e solidário, capaz de ultrapassar os desafios que nos esperam, que a nossa pátria merece. Vamos devolver, juntos, a Portugal, a sua liberdade. Feliz 25 de abril. -----

Presidente da Assembleia Municipal – agradeceu a intervenção e convidou o Líder do Grupo Municipal do CDS-PP, Pedro Tavares, para entregar as lembranças da Assembleia Municipal. De imediato, convidou o aluno Gonçalo Almeida, em representação da autora do texto, Luana Vaz, aluna da ART'J - Escola Profissional de Artes Performativas da Jobra. -----

Gonçalo Almeida – Jobra – cumprimentou os presentes e informou estar presente, devido à impossibilidade da autora do texto, a aluna Luana Vaz. Passou à leitura do seguinte texto: “Longe vai o tempo onde a submissão, a opressão e os direitos diminuídos tomavam conta dos destinos do grande povo português. Época de vontades e desejos reprimidos, onde outrora Deus, a Pátria e a Família serviam de base e único alento ao rumo certo na vida das nossas gentes. Existência e vivência condicionadas, onde a expressão singular e o sonho individual eram ofuscados pelas regras da ideologia, o condão e a mão de quem comandava os grandes e mais valorosos destinos da grande Nação. Um caminho de escolha única, de alinhamento e direção sofrida, sem bifurcações nem distrações, de uma só palavra e a uma só voz, numa terra e num tempo onde a palavra sonho e esperança não cabiam. No definhar das dúvidas, da instabilidade, dos ataques, teve ainda, o nosso muito querido Portugal, de testemunhar o derrube das suas muralhas, o esquecimento dos seus valores, o rescrever da sua história e o recair da escuridão sob aqueles que ainda de pé mal se aguentavam. 25 de abril de 1974, dia carregado pelos ombros de todos aqueles que poeticamente seriam conhecidos como capitães de abril, entre os quais, Salgueiro Maia, Vasco Gonçalves, Vasco Lourenço e Otelo Saraiva de Carvalho, que arriscando as suas vidas e as suas carreiras deram corpo à expressão dos silenciados que com eles sofriam. Paulo de Carvalho e Zeca Afonso marcariam também este dia e grande data, através das suas melódicas e expressivas vozes, pelas ondas sonoras que entoavam e passo a passo se iam fixando nos ouvidos dos seguidores mais acanhados, adormecidos e escondidos. E é ao som de “E depois do Adeus” e “Grândola Vila morena” que se dá o tiro de partida e a anunciação para o que seriam os novos tempos de mudança. Era, pois nesta ansiedade e neste nervosismo tranquilo, que os soldados aguardavam a grande instrução. Enquanto isso, o povo inquieto aguardava humilde e calmamente nas suas ruas pela magia que os alentava. Nisto, as balas previamente carregadas e toda aquela raiva reunida, seriam subitamente substituídos por simples cravos, dando brilho e imagem a esta revolução. E assim é pronunciada uma vontade, um direito, sem que haja a repetição de erros passados, sem que homens caiam por terra, sem que tiros sejam

disparados, sem que sangue seja derramado. Tornando-se assim, este dia, a prova viva de que se pode fazer guerra, sem lágrimas de dor. Alheios a este dia, deambulam os jovens de hoje, pelas aldeias, vilas e cidades, conquistadas por grandes nomes, que estão na origem da nossa história. Passeiam, sem reconhecerem figuras e personagens que ajudaram a criar e a levantar Portugal. Olham, sem realmente verem o que conquistamos. Falam, sem saberem do que falam. Comentam o que desconhecem. Reclamam do que não viveram e maldizem do que vivem. Este é um tempo, que agora é desconhecido, pelos que hoje habitam o mundo moderno e que não reconhecem o valor de dias como estes. Pessoas em que neles não abunda a coragem de erguer a cabeça e de projetar a voz. Uma geração repleta de que vivem na ignorância, que não veem o mundo como antes se via, que defendem ideais sem fundamentos, que começam lutas sem motivo, que se queixam do que têm e invejam o que ainda não possuem.” -----

Presidente da Assembleia Municipal – agradeceu a intervenção e convidou o Sr. Presidente da Câmara Municipal, António Loureiro, para entregar as lembranças da Assembleia Municipal. Continuou, declarando aberto o período de intervenções políticas, tendo usado da palavra as seguintes individualidades pela ordem indicada: -----

Firmino Ruas Mendes - Grupo Municipal do PS; -----

João Filipe Tavares de Almeida – Grupo Municipal do PPD/PSD; -----

Pedro Jorge Rebelo Tavares – Grupo Municipal do CDS-PP; -----

António Augusto Amaral Loureiro e Santos, Presidente da Câmara Municipal; -----

Mário Rui de Almeida Branco, Presidente da Assembleia Municipal. -----

Os discursos apresentados dão-se aqui como inteiramente reproduzidos e ficam apensos à presente ata, para todos os efeitos legais, dela fazendo parte integrante (Anexo I, fls. 12; Anexo II, fls. 3; Anexo III, fls. 4; Anexo IV, fls. 3; Anexo V, fls. 2, respetivamente). -----

B PERÍODO DE INTERVENÇÃO ABERTO AO PÚBLICO -----

Sem inscrições. -----

Concluída a Ordem do Dia, o Sr. Presidente da Assembleia Municipal declarou encerrada a Sessão Extraordinária Evocativa do 25 de Abril, eram 17:42 horas, informando que o programa das comemorações do 25 de Abril teria continuidade com novos momentos musicais. Agradeceu novamente a presença de todos, referindo que o 25 de Abril é de todos e sendo com todos que deve, e faz sentido, ser comemorado. Agradeceu a presença e as intervenções dos Srs. Membros Municipais, do Sr. Presidente e dos Srs. Vereadores da Câmara Municipal. Na pessoa do Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Ribeira de Fráguas, Henrique Caetano, agradeceu à Freguesia de Ribeira de Fráguas, ao Coro d'Aldeia da Aldeia de Vilarinho de São Roque, à Banda Filarmónica de Ribeira de Fráguas, aos músicos Pascoal Pires e César Oliveira, aos autores da curta-metragem “Vou-me despedir do rio”, David Gomes e Pedro Cruz, a todas as coletividades que participaram nas cerimónias e a toda a

população de Ribeira de Fráguas, pela maneira pronta, empenhada e comprometida com que colaboraram com a Assembleia Municipal nas comemorações do 25 de Abril, das quais resultaram inexcusáveis mostras e prestações. O município ficou a saber mais do muito que a Freguesia de Ribeira de Fráguas tem para dar e mostrar. Pediu uma salva de palmas para a Ribeira de Fráguas, para as suas coletividades e para a suas gentes. Agradeceu ainda ao Sr. Dr. Jorge Bacelar, distinto veterinário e fotógrafo premiado, pela presença e disponibilização da exposição fotográfica "Memórias da Aldeia", que envolve as gentes da Ribeira, pedindo uma salva de palmas para o Dr. Jorge Bacelar e informando que a sua exposição está patente no 1º piso do Cineteatro Alba, na Sala Alba, onde poderá ser visitada no final das cerimónias. Agradeceu uma vez mais às Direções dos Agrupamentos de Escolas que integram a Escola Secundária de Albergaria-a-Velha e a Escola Básica da Branca, do Colégio de Albergaria e da Jobra, aos Srs. professores e a todos os alunos envolvidos pela preciosa e superior colaboração nesta cerimónia. Agradeceu à Direção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha e ao seu Corpo de Bombeiros Voluntários, nas pessoas do Sr. Presidente José Bismarck e do Sr. Comandante Albano Ferreira, a pronta e prestimosa colaboração, que muito brilho deu à cerimónia. Na pessoa da Sra. Diretora, Isabel Fonseca, agradeceu a presença e participação da APPACDM. Agradeceu ainda à Iolanda Marques, Isabel Andrade e Suellen Escariz, colaboradoras do Núcleo de Apoio à Assembleia Municipal, toda a competência, empenho e espírito de missão que colocaram nas comemorações do 25 de Abril, que classificou de inexcusável. Agradeceu ainda, de forma geral, a colaboração de todos os colaboradores deste município e, de forma particular, ao Ricardo Leitão e, na pessoa de Pedro Teixeira, aos colaboradores do Cineteatro Alba. A todos agradeceu a colaboração disponível, empenhada e profissional, agradecendo ainda à *speaker* Cristiana Pinto a disponibilidade e competência de sempre. Por fim, agradeceu a presença de todos, pois Abril é de todos e depende de todos, referindo que hoje renovaram com Abril o compromisso de defender a Liberdade, para que esta se mantenha irrepreensível e incólume. Concluiu expressando: Viva o 25 de Abril! Viva a Liberdade! Viva a Democracia! -----

E para constar e devidos efeitos se lavrou a presente ata, que tem como suporte a gravação digital de tudo quanto ocorreu na Sessão Extraordinária evocativa do 25 de Abril, de acordo com o disposto no número um, do artigo trigésimo segundo do Regimento e vai ser assinada pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, e por mim, Isabel Maria Rodrigues Andrade, que a redigi. -----

O Presidente da Assembleia Municipal

A Técnica Superior







Albergaria-a-Velha

Handwritten signature in blue ink.

Comemorações do 25 de Abril de 2023

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Exmas. Senhoras Deputadas e Senhores Deputados Municipais,

Exmo. Senhor Presidente da Câmara, Senhoras e Senhores Vereadores,

Senhoras e Senhores Presidentes das Assembleias e Juntas de Freguesia,

Senhoras e Senhores convidados,

Entidades civis, militares e religiosas,

Comunicação Social,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

No momento em que comemoramos o quadragésimo nono aniversário do 25 de abril, cumpriram-se ontem 14 meses da invasão de



Albergaria-a-Velha

2
♀.

uma País soberano por um outro em que os direitos fundamentais são completamente arrasados e, é para o Povo mártir da Ucrânia que vão as minhas primeiras palavras, palavras que se destinam a todos os povos subjugados por regimes déspotas na esperança que, em breve, nestes países, a Democracia e a Liberdade sejam uma realidade.

Permitam que recite um excerto do poema - As Mãos - de Manuel Alegre:

“Com mãos se faz a paz se faz a guerra.
Com mãos tudo se faz e se desfaz.
Com mãos se faz o poema - e são de terra.
Com mãos se faz a guerra - e são a paz.”

Viva a Ucrânia

Em Março, comemorámos o Dia Internacional da Mulher e quero aqui, com veemência, saudar as Heroicas Mulheres dos países onde os seus



Albergaria-a-Velha

M
3
F.

direitos fundamentais foram retirados, a quem parabeno pelo seu estoicismo que, mesmo colocando a sua vida em perigo e com a prisão no horizonte, lutam diariamente para que, aqueles, lhes sejam repostos.

Vivam as mulheres livres.

Quase a completar meio século de democracia e liberdade, é importante não esquecer, mas sim saudar os homens e mulheres que ao longo destes anos, de um modo inacreditável, conseguiram mudar o nosso País, social, política e economicamente, e, permitam-me que destaque, muito calorosamente, os Autarcas.

Se aqueles transformaram Portugal, jamais poderemos esquecer os militares de Abril que conseguiram abrir as portas deste Portugal renovado, com novos horizontes aos quais devemos um enorme agradecimento pela coragem com que enfrentaram o regime

vigente e, acima de tudo, pelo despreendimento com que enfrentaram



Albergaria-a-Velha

M
F.
4

tempos difíceis, entregando o rumo do País ao voto popular, regressando aos quartéis.

Todos os que viveram aquela data sonharam que Portugal seria diferente, mais moderno, mais próspero, onde cada um de nós, com todas as diferenças que nos separam, pudéssemos falar e conviver abertamente.

A vitória daquele dia permite olhar para as conquistas até então usurpadas, nomeadamente a liberdade de expressão, de reunião, de manifestação, de organização, de ter direito a um salário mínimo, à oportunidade de igualdade, ao voto livre, o direito ao acesso à justiça, cultura, habitação, saúde, educação e o fim de uma guerra injusta.

Mas, ao recordar abril, é necessário estar atento a novas forças que, infelizmente, pululam no nosso País, com o pensamento no dia 24.

É imperioso que, a cada dia que passa, lembremos à geração pós Abril, quanto de bom é ter nascido em Democracia e com Liberdade



Albergaria-a-Velha

MS
P.

5

que, tantas vezes, são corroídas pela demagogia e pela intoxicação das redes sociais.

A essas forças, temos que dizer basta de Xenofobia, Racismo e muitos outros ismos que me dispenso de mencionar.

A nossa mensagem para os que não são da minha geração, que não viveram em ditadura, nunca será demais dar-lhes a conhecer o que foram tempos dolorosos.

Abril entregou à minha geração a Democracia e a Liberdade e é isto que anseio deixar às novas gerações.

Tudo foi perfeito?

Não.

Tudo foi cumprido?

Não.

Temos que aceitar que se fez o suficiente, mas há que admitir que Abril não se encontra concluído.



Albergaria-a-Velha

6
/ J.

Abril, esta simbólica data que anualmente celebramos solenemente, é algo que a todos deve preocupar no seu dia a dia porque, celebrar Abril é saber ouvir, saber respeitar e aceitar a crítica, reconhecer as mais diversas opiniões, relacionarmo-nos saudavelmente, quer sejamos poder ou oposição.

Abril é a data que nos tem que fazer reflectir sobre os problemas, os desafios que encontramos todos os dias, mas, essa reflexão, será muito melhor se for feita sem eleitoralismos, não confundindo a campanha eleitoral em tempo próprio com campanha permanente e ruidosa.

Abril tem que nos obrigar a procurar respostas, exigindo-as ao poder, seja o Central ou o Local.

Seria surpresa se eu esquecesse a situação económica e social com que muitos dos nossos compatriotas se debatem, pela manhã, quando acordam.



Albergaria-a-Velha

19
ID.

7

Seria surpresa se ignorasse o discurso de quem está no poder, quantas vezes fugindo à responsabilidade e ignorando caminhos.

Construir algo de novo é sermos responsáveis e, sê-lo-emos ainda mais se quisermos que o amanhã seja feito de entendimentos

entre as forças vivas, sejam elas políticas, cívicas e sociais porque, será com todo esse entendimento que poderemos garantir aos

nossos concidadãos uma vida justa e com qualidade.

Seria imperdoável, que com Abril permitíssemos que muitos fossem arremessados pelas portas das traseiras.

Abril não foi uma obra construída para ser embargada.

Abril foi, isso sim, a construção de um edifício onde qualquer um de nós possa entrar com a aspiração de ser homem e mulher de corpo inteiro.



Albergaria-a-Velha

8
M.T.

Portugal é um País viável e, sê-lo-á pelas nossas mãos e dos vindouros que ele se cumprirá.

Vivemos numa Europa onde, na minha perspetiva, o pensamento único, os liberais e a extrema direita surgem como que atacando a destruição da classe média e aumentando, cada vez mais, a pobreza.

É necessário que esta Europa se recrie virando-se para o lado da democracia, onde, nos países que a compõem, a justiça não prescreva, a saúde e a educação deixem de ser um direito e seja

um local em que se acabe de uma vez por todas com uma mistura, que geralmente resulta em mistela, entre a política e os negócios.

A Europa deve ser um local onde haja cooperação e não competição porque, se elas se misturarem ficará para sempre comprometida a razão porque foi criada.

Miguel Torga afirmou:



Albergaria-a-Velha

MS 9
F.

“Há liberdade de falar e liberdade de viver, mas essa só existe quando se dá às pessoas a dignidade social”

Virando agora a página há que olhar atentamente o concelho.

Sonhar a terra que não me serviu de berço, mas que me acolhe, é um estado de alma, não apenas meu, mas de uma mão cheia de Albergarienses que têm preservado a herança dos antepassados, acrescentando mais valor para que o futuro se mostre risonho,

tendo em vista a sua situação geográfica e o seu inestimável património.

É imperioso que continuemos a promovê-lo em todas as suas vertentes, criando riqueza, emprego e, muito especialmente, dar um salto na qualidade de vida em matéria de habitação.

Valorizar o concelho não se pode restringir apenas à cidade.



Albergaria-a-Velha

M
P. 10

Reduzir assimetrias entre a ruralidade e o urbano é um passo importante que temos que dar, sem tropeçar na pedra da calçada, chamada ideologia.

Os anos de crise que temos sofrido não são justificação para tudo e, por isso, todos, mas todos, devemos estar atentos, despertos, promovendo responsavelmente os gastos com o dinheiro público, gerindo os recursos, poucos ou muitos, com razoabilidade para que possamos criar um espaço homogéneo e harmónico.

Justificar a perda de conquistas de Abril com a crise, não.

A nossa preocupação enquanto Partido responsável, e na oposição, é estar atentos com os modos decisórios, sendo consequentes e apresentando ideias que se revelem exequíveis porque queremos que Albergaria-a-Velha não seja, apenas durante uns dias a cidade com o lema - ConVIDA,- mas que durante os restantes



Albergaria-a-Velha

MS 11
J.F.

dias do ano tenha mesmo vida sem convite, respondendo com soluções às necessidades das populações.

O PS, embora com pouca expressão autárquica estará sempre, mas sempre, focado nas pessoas e nas suas preocupações opondo-se a benefícios pessoais e olhando ao interesse coletivo.

Contribuiremos sempre, mas sempre, no sentido de tornar o concelho um orgulho dos Albergarienses e estaremos, principalmente, do lado do diálogo com sentido de responsabilidade.

Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Em Outubro de 2022, passeando numa rua de Sevilha, por mero acaso parei em frente à casa onde nasceu, em 1875, António Machado e reparei numa placa colocada na fachada com



Albergaria-a-Velha

12
P.

uma frase que é, de todos, sobejamente conhecida:

“O caminho faz-se caminhando”

E, caminhando coletivamente, saberemos dar valor à nossa terra e às nossas gentes, motivando-as para que tenham força e vontade para acreditar.

Por tudo isso vale a pena continuarmos a caminhar todos os dias pensando em Portugal, em Abril e em Albergaria-a-Velha.

Viva 25 de Abril

Viva Albergaria-a-Velha

Viva Portugal

Firmino Ruas Mendes

Deputado Municipal do PS

(escrito ao abrigo do anterior AO)

Discurso 25 de abril PSD 2023

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Albergaria-a-Velha;
Exmas. Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal,
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal, a partir de quem estendo os meus cumprimentos aos Sr. Vereadores,
Coletividades, Instituições, representantes da sociedade civil e entidades religiosas aqui presentes,
Estimada Comunicação Social,
Caras e caros Albergarienses

Hoje, celebramos o aniversário do 25 de abril, um dia que mudou o curso da história de Portugal. Há 49 anos, o país viveu um dos momentos mais importantes da sua história recente, com a Revolução dos Cravos a pôr fim a décadas de ditadura e a abrir caminho para a democracia.

Foi um momento de coragem, determinação e solidariedade, em que homens e mulheres se uniram para lutar por um país mais justo e livre. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade foram defendidos por todos aqueles que se ergueram contra o regime ditatorial, e foram estes valores que guiaram o caminho para a democracia.

O 25 de abril foi um dia de esperança para o povo português, que finalmente pôde exprimir livremente as suas opiniões e participar na construção do país. Hoje, devemos honrar a memória daqueles que lutaram e sofreram para que pudéssemos viver num país democrático, e renovar o nosso compromisso com a liberdade e a democracia.

Portugal é um país que, historicamente falando, é muito rico e, como é normal a um país que tem muita história, passa por períodos felizes que nos enche de orgulho mas também períodos sombrios.

Devemos celebrar e homenagear as coisas boas mas também devemos lembrar o que nos envergonha e nos mancha para que não repitamos os mesmos erros e claro, aprendamos com eles.

Mas hoje estamos aqui por uma boa causa. Estamos aqui pelo dia da Liberdade dos nossos tempos.

Portugal teve 48 anos de governação ditatorial -o mais longo regime autoritário da Europa ocidental do século XX.

Segundo o "The Economist" - Em 2022, apenas 43% dos países vivem em democracia plena ou com falhas. 57% dos países do Mundo têm um sistema político autoritário ou híbrido. Portugal deixou de ser uma democracia plena em 2020 e desde então se mantém como um regime democrático com falhas, ocupando atualmente o 28º lugar na lista de países mais democráticos.

Eu não vivi aquela primavera de 1974 e de ano para ano que aqui vamos estando nesta comemoração, cada vez menos são aqueles que vivenciaram de perto aquela época. Mas que bonito é, esta mesma sala continuar cheia de ano para ano, significando assim, que a mensagem foi bem passada de geração em geração e o seu exemplo perdura e continuará a perdurar pelos jovens de amanhã.

Existem, contudo, algumas questões que hoje se levantam e são debatidas e que as gerações anteriores não tinham em mãos. Falo nomeadamente, da liberdade de expressão.

No extremo que é não existir liberdade de expressão antes do 25 de abril e de hoje em dia, sob o argumento da sua existência, se poder dizer tudo.

E esta temática é muito vivida essencialmente nas redes sociais. Tudo, de alguma forma, ficou criticável e através das redes tão rápido se chega ao “estrelato” como se é “cancelado”.

Se há 20 anos alguém quisesse dar-se a conhecer quer pelo seu trabalho, quer pela sua criatividade, quer pela sua habilidade em algum tipo de arte, comédia ou literatura ou simplesmente por um motivo fútil, tinha de recorrer à televisão ou ter o apoio dos jornais. Hoje, está tudo à distância de um clique. E tornámo-nos de alguma forma ativos e com “voz” quer seja para a produção de conteúdos, comentar esses mesmos e até os partilhar.

Todos temos opinião e muitos fazem questão de a partilhar virtualmente.

As redes fizeram com que hoje a liberdade de expressão seja abusada tanto por quem emite algum tipo de conteúdo, tanto por quem reage. E as reações de hoje, são muito mais rápidas e virais.

A reacção instantânea associada à possibilidade de a informação nos chegar descontextualizada cria abusos com efeito bola de neve. Permite igualmente a criação de grupos de radicalismos para “cancelar” algo ou alguém, para sustentar alguma ideia ou tendência mais extremada.

E, de facto, existem várias minorias que vão estando ameaçadas nestes tempos. Ou se calhar, são minorias que já o eram há imenso tempo e apenas não se falava o suficiente, ou pelo menos não se questionava se de facto todos os cidadãos têm efectivamente os mesmos direitos e oportunidades.

Por outro lado, esta nova “justiça social” fez com que certas minorias se radicalisassem e que, por muitas boas intenções que tenham, se proclamem e lutem para que se tornem uma maioria.

No meio de tudo isto, nesta constante ligação à informação, acho que não percebemos que afinal de contas, na maior parte das vezes, não existe um lado certo ou errado. E esta observação serve para quase todos os debates em que existam minorias ou majorias.

A liberdade deveria ser eu escolher o que quero ser, o que quero fazer, respeitando que outros tenham a mesma liberdade para escolher, e que nesse caminho sejamos uma sociedade igualitária com os mesmos direitos e oportunidades.

Algo que quase parece utópico nos dias de hoje.

Deixo agora, aqui um dado que nos deve fazer a todos, sem exceção, repensar e refletir... O Estado Novo durou 48 anos . E foi também há 49 anos que aconteceu o 25 de Abril! Ou seja a democracia portuguesa tem agora mais idade do que a ditadura nacional.

Num Mundo cada vez mais complexo e incerto, a celebração do 25 de abril é uma lembrança poderosa de que podemos fazer a diferença, e que a mudança positiva é possível.

A democracia é um processo contínuo, que exige vigilância, responsabilidade e compromisso.

Vamos continuar a trabalhar juntos para garantir que a liberdade e os direitos humanos continuem a prosperar em Portugal e no Mundo.

Viva o 25 de Abril!

Viva Albergaria!

Viva Portugal

Muito Obrigado.



Comemoração do 25 de Abril

Albergaria-a-Velha, 25 de Abril de 2023

Cumprimento o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, o Presidente da Câmara Municipal, Vereadores, Membros Municipais, Presidentes das Juntas de Freguesia, Representantes das Coletividades aqui presentes, o Público que nos assiste e Comunicação Social.

Hoje, 25 de Abril, é um dia muito especial para todos nós, portugueses. Comemoramos o aniversário da Revolução dos Cravos, o momento em que o povo português derrubou o regime autoritário do Estado Novo e deu início a um processo que culminou com a implantação da democracia no nosso país.

Este é um momento para celebrar a nossa liberdade, mas em que também devemos relembrar-nos da importância da democracia como pressuposto necessário a essa liberdade. É particularmente importante frisar este aspeto quando hoje sabemos que vivemos num mundo em que a democracia está sob ameaça e em que os seus valores parecem por vezes estar em declínio. Em muitos países, não sendo Portugal exceção, a confiança nas instituições democráticas está a decrescer, em parte porque muitos cidadãos sentem-se desiludidos com a política.

As realidades que contribuem para este fenómeno são várias. A descridibilização dos agentes políticos, a corrupção, o populismo e a radicalização da opinião pública são todos eles fatores que contribuem, cada um à sua maneira, para esta perda de confiança.

Falo, por exemplo, da profissionalização indevida da política. A transformação, por alguns, daquilo que deveria ser um exercício pontual de serviço ao bem comum em carreirismo e perpetuação do poder como fim em si mesmo, é algo que descridibiliza os atores públicos. Também a corrupção, quando generalizada e tolerada, põe em causa a eficácia e a integridade dos decisores políticos, fazendo-os menos capazes de cumprir as suas obrigações e responsabilidades para com os cidadãos. Este fenómeno gera um sentimento de impunidade dos governantes, passível de nutrir ceticismo em relação à capacidade da democracia de cuidar dos nossos interesses coletivos.

M
A
P.

O populismo, de que todos ouvimos falar, alimenta-se deste ceticismo. Partidos políticos aproveitam-se do descontentamento generalizado para estabelecer uma polarização entre “o povo” e outras etnias, os imigrantes ou os próprios políticos como forma de atrair seguidores e desviar a atenção dos problemas reais. O seu discurso, que demoniza grupos específicos, radicaliza a opinião pública, conduz-nos a divisões sociais profundas e mina a confiança nas instituições democráticas. Por outro lado, as soluções que o populismo propõe são simplistas e superficiais para problemas complexos, levando a resultados desastrosos a longo prazo por recorrerem a retóricas apelativas aos preconceitos das pessoas ao invés de propor soluções realistas e sustentáveis.

Para combater todas essas tendências e fenómenos precisamos de uma cidadania consciente, em que os cidadãos sejam os primeiros a procurar esclarecer-se e a exigir transparência e responsabilidade dos nossos líderes políticos. Precisamos de uma sociedade civil forte, com um número vasto de organizações independentes que possam veicular a sua opinião fundamentada. E em acréscimo a tudo isto, é também extremamente importante que os cidadãos se envolvam diretamente na política.

Muitas vezes a política em democracia é vista como uma esfera elitista e distante das pessoas comuns e este preconceito leva a que muitos evitem envolver-se ou interessar-se nela. Este preconceito agudiza-se e com o passar do tempo faz com que os agentes políticos pareçam ficar cada vez mais distante da sociedade, o que por sua vez leva a que os cidadãos se sintam excluídos dos processos decisórios. É um ciclo vicioso que devemos lutar para contrariar. A política em democracia não existe para os políticos profissionais. Pelo contrário, deve ser encarada como uma questão de cidadania e participação.

A participação democrática não é apenas uma questão de instituições e processos políticos formais. Depreende a existência de determinados valores e de uma certa cultura que devemos preservar. A divisa “liberdade, igualdade e fraternidade”, associada à Revolução Francesa e aos seus ideais de rompimento com o modelo absolutista, representa os valores fundamentais que se querem presentes no nosso regime desde o 25 de Abril. A liberdade, que permite que as pessoas possam exercer a sua autonomia e tomar as suas próprias decisões. A igualdade, que garante que todos os indivíduos tenham os mesmos direitos e oportunidades. E a

fraternidade, que representa a ideia de que nos devemos preocupar com o bem-estar do outro e agir em conjunto para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Mas é importante ressaltar que a conquista desses valores pode não ser perpétua e a sua manutenção ao longo do tempo não é algo fácil ou automático. A história mostra-nos que muitas vezes a liberdade, que os portugueses poderão considerar a maior das conquistas de Abril, pode ser usada como pretexto para o fomento da opressão e da desigualdade. A democracia, ao pressupor que todas as vozes devem ser ouvidas e tomadas em consideração no processo político, dá abertura a que movimentos intolerantes e antidemocráticos ganhem espaço na esfera pública e enfraqueçam o próprio sistema.

Alguns poderão questionar-se sobre o porquê desta realidade, que poderá parecer à primeira vista nociva ou contrária à sua própria razão de ser. Mas não o é. Não permitir isso significaria viver uma democracia “menos democrática”, o que seria o mesmo que aceitarmos viver sem democracia. É precisamente a abertura a outros pensamentos e opiniões que caracteriza a democracia e que nenhum outro sistema de organização política tem – aquilo a que chamamos cultura democrática.

Falar de cultura democrática é falar de uma cultura de diálogo e respeito mútuo, onde todas as vozes são ouvidas e respeitadas, independentemente de quão demarcadas sejam as diferenças de opinião. Pese embora nos dias que correm seja mais fácil esquecermo-nos disso, viver em democracia significa sermos capazes de aceitar a diversidade. Até porque, sem as vozes e experiências de uma ampla gama de pessoas serem ouvidas, as políticas públicas deixam de ser verdadeiramente representativas e abrangentes.

A este propósito, dentro do tema da representatividade, o CDS não pode deixar de dar uma nota relativamente ao exemplo que foi dado, nesta nossa Comemoração do 25 de Abril, por iniciativa do Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Dr. Mário Branco, com o destaque dado no programa à freguesia de Ribeira de Fráguas, que muito devemos louvar. Num mundo globalizado, a promoção da cultura regional é fundamental à preservação da diversidade cultural e enriquece a nossa experiência de vida com novos saber-fazer e opiniões. Trata-se de mais uma forma de promoção da democracia – a valorização de uma comunidade é também uma forma de fomentar um maior envolvimento cívico e político das pessoas e a sua consequente participação na tomada de decisões.



E se é evidente que só tendo em consideração a riqueza e complexidade da sociedade é que as políticas públicas podem contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa, nunca é demais relembrar que a democracia é a forma mais justa e equitativa de governo. Só ela dá a cada cidadão uma voz e um voto com valor idêntico ao dos demais e garante que cada indivíduo tem a possibilidade de participar na construção da sociedade. Só com a democracia a proteger as liberdades individuais e promover a igualdade é que podemos contar com uma base sólida para o desenvolvimento humano assente na autodeterminação.

Termino dizendo que nenhum sistema é perfeito e os benefícios da democracia não são garantidos sem o nosso esforço contínuo em defendê-la e preservá-la. A sua manutenção carece, mais do que nunca, de atenção e vigilância constantes. Carece do exercício da cidadania participativa, onde cada um de nós assume o direito, mas também a responsabilidade, de se envolver na tomada das decisões que afetam a nossa vida. Por isso temos de trabalhar diariamente para proteger e aperfeiçoar as nossas instituições democráticas. A liberdade e a igualdade não são dados adquiridos e precisamos de lutar constantemente para proteger esses valores. Só assim conseguiremos honrar o dia que nos traz aqui hoje.

Viva o 25 de Abril! Viva a Democracia!

- Hoje celebramos novamente uma data histórica para o nosso país que marcou o fim da ditadura e o início de uma nova era de liberdade, democracia e justiça social.

- Desde então, avançamos muito em várias áreas, mas ainda há um longo caminho a percorrer para alcançarmos a plena igualdade e justiça para todos.

- Não posso deixar de enaltecer a fantástica cerimónia que o nosso Presidente da Assembleia Municipal, o Dr. Mário Branco, nos proporcionou hoje!

-Dr. Mário Branco, muito obrigado por este trabalho de promoção dos valores de abril, mas também da tradição e história do nosso concelho!

-A democracia é um dos nossos maiores avanços, permitiu que todas as pessoas tivessem uma voz e pudessem participar ativamente nas decisões políticas que afetam as suas vidas.

- Mas a democracia não é um objetivo final, é um processo contínuo que requer vigilância e ação constante para garantir a sua proteção e contínuo aperfeiçoamento.

- Por isso, devemos sempre lutar pela transparência, responsabilidade e justiça em todos os níveis do nosso sistema político e social. Isso significa garantir que todos os cidadãos tenham acesso igualitário aos serviços públicos, saúde, educação, emprego e habitação.

- Significa também lutar contra a corrupção e garantir que os interesses da comunidade sejam protegidos acima dos interesses pessoais.

- Atualmente, enfrentamos muitos desafios com a desconfiança nas instituições públicas, a descrença na classe política e os extremismos.

- Para avançarmos como sociedade, precisamos fortalecer a credibilidade das nossas instituições públicas e da classe política, cultivando a participação, a transparência e a responsabilização pelas decisões estratégicas tomadas.

- Os Municípios têm assumido cada vez mais responsabilidades na definição e elaboração de estratégias setoriais.

- Neste plano, em Albergaria-a-Velha, temos, de forma ambiciosa e rigorosa, elaborado um conjunto de planos estratégicos que pretendemos que sejam o pilar de uma ação política transparente e próxima das pessoas, virada para os desafios do futuro.

- São exemplo disso a Estratégia Local de Habitação;

- A Estratégia para o Desenvolvimento Económico 2030;
- O Plano Estratégico Educativo Municipal;
- A Carta Educativa;
- A Estratégia Municipal de Sustentabilidade;
- O Plano de Mobilidade Suave;



- O Plano Municipal para a Igualdade de Género e não Discriminação;
- O Plano Municipal de Defesa da Floresta;
- Plano Municipal de Combate às alterações Climáticas, etc.!

- Com ambição, rigor e coerência seguiremos este caminho!!

- Os investimentos e apostas que o Município tem feito, dentro das suas competências e mais além, muitas vezes assumindo a responsabilidade do Estado Central, são também exemplo de um compromisso focado no que realmente importa:

- Ação direta no que respeita ao bem-estar das pessoas.

- Falo dos investimentos na Saúde, com a requalificação do Centro de Saúde de Albergaria e a construção da USF Beira Vouga. A intervenção no Parque Escolar com a requalificação Escola Secundária de Albergaria e da Escola Básica com 2º e 3º Ciclo da Branca.

- Para que esta visão seja uma realidade, a Estratégia para o Desenvolvimento económico "Albergaria 2030" é essencial, garantindo a aplicação efetiva e eficiente dos planos identificados, com a atração de mais capital humano e financeiro, gerador de riqueza e melhores condições de vida, que suportem os objetivos a que nos propomos.

- Esta estratégia é um compromisso para construir um futuro melhor que assenta no desenvolvimento sustentável e inclusivo, na promoção da economia circular e na participação da comunidade local no processo, garantindo equilíbrio entre a proteção do meio ambiente e a promoção do bem-estar social.

- Não podemos falar de futuro se não falarmos dos jovens.

- A sua fixação no concelho é fundamental para o desenvolvimento e crescimento económico, para tal é necessário criar condições que promovam a qualidade de vida e a realização pessoal, com habitação acessível, oferta de emprego diversificada, cada vez mais qualificada e ajustada.

- Neste sentido, a nossa Zona Industrial é um vetor essencial para o aumento da atratividade do Concelho.

- O conjunto de novas empresas a instalar brevemente terão um papel fundamental neste processo, proporcionando aos mais jovens as devidas condições para se fixarem.

- Aqui gostaria de felicitar os empresários e empreendedores que todos os dias apostam no nosso Concelho! Sem a vossa visão e compromisso não seria possível! Bem-hajam pelo vosso contributo e papel preponderante!

- Ao mesmo tempo continuaremos a ser um Município amigos das famílias, mantendo uma política de baixa carga fiscal com especial atenção ao compromisso de apoiar os mais

vulneráveis, através dos programas da rede social, onde se insere o programa de apoio ao arrendamento, de especial importância na atual conjuntura.

- Mas não podemos parar por aqui. Precisamos continuar a trabalhar juntos para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, para todos.

- Precisamos garantir que as gerações futuras tenham acesso aos mesmos direitos e oportunidades. E precisamos ainda de continuar a defender a democracia, a liberdade e os direitos humanos, todos os dias e em todas as áreas da nossa vida.

- Não posso terminar sem manifestar novamente a solidariedade do Município com o povo ucraniano! O tempo passa e agressão continua, mas não nos podemos esquecer, especialmente nesta data!

Os valores de abril são com certeza transversais a todas as realidades e fronteiras.

- A todas coletividades e Instituições do Concelho!

- Aos colaboradores do Município!

- Obrigado por tornarem o projeto de abril uma realidade em Albergaria-a-Velha!

Em Albergaria vivemos os valores de abril, mas nunca esquecemos o 25 de novembro!

Viva o 25 de abril

Viva Albergaria-a-Velha!

Viva Portugal!

Aceitem novamente os cumprimentos que fiz no início da sessão.

A nossa democracia está adoentada. Está. Tem cura? Tem. Mas a cura não são as nossas queixas. A cura é a nossa crítica e a nossa intervenção cívica feita no dia-a-dia.

Essa é a grande cura da nossa democracia.

A minha intervenção será feita com base na maneira como entendo que o 25 de Abril deve ser comemorado, tendo sempre presente a sua mensagem.

Hoje comemora-se o 25 de Abril e a sua mensagem de liberdade e de cidadania.

O 25 de Abril deve ser comemorado com a alegria e sentimento de partilha como comemoramos as datas que nos são marcantes.

Nessas datas reunimos em família, com os amigos e partilhamos, com gosto, algo que nos toca e nos une. A celebração do 25 de Abril deve ser feita nos mesmos moldes, com alegria, com a família, com os amigos e com todos os cidadãos que têm a Liberdade como ideal e estão empenhados numa cidadania ativa. É o que estamos a fazer hoje.

E fazemos esta celebração com alegria e de forma intergeracional.

Por isso há animação de rua e entretenimento para as crianças.

Há momentos musicais, culturais, tradicionais e mostras. Abril é também cultura, convívio e acima de tudo partilha. O 25 de Abril deve ser uma festa do Povo para o Povo, partilhada por todas as gerações.

Celebrar Abril é comemorar a data e a sua mensagem.

A mensagem de Abril não é só uma mensagem de Liberdade. É também uma mensagem de Direitos e Deveres de Cidadania. Não poderá haver Liberdade sem o exercício efetivo da cidadania, com observância de direitos e deveres em igual proporcionalidade.

Ao comemoramos Abril estamos também a assumir um compromisso de cidadania e a responsabilidade de transmitir a sua mensagem.

O compromisso de cidadania será evidenciado pelo exemplo da prática de intervenção cívica que se pode fazer a vários níveis. Num nível mínimo através do exercício de direitos e deveres inerentes à condição de cidadão.

A outro nível colocaria o Voluntariado. Na nossa Sociedade há uma crise de voluntariado. Como exemplo refiro os nossos Bombeiros Voluntários, mas há muitos mais exemplos. É necessário que toda a Sociedade e em especial a juventude tenha consciência desta carência e haja uma mobilização coletiva para a colmatar. Receber ajuda quando se precisa será um direito, mas contribuir para que essa ajuda nunca falte é também um dever.

Ainda dentro da Cidadania e da sua prática real queria referir as associações e coletividades que são um dos cernes da nossa sociedade.

Fazer parte delas e/ou estar disponível para ocupar cargos de responsabilidade nas suas direções é mais que um direito. É um dever... Faz ainda parte do exercício da cidadania a intervenção política. A intervenção política é também um direito e um dever.

Por vários motivos o Povo desconfia da Política e dos Políticos. Não lhe parece ser uma coisa boa. Terá as suas razões...

Nós enquanto cidadãos, e dado que a nossa qualidade de vida e Futuro dependem da Política e dos Políticos, temos de nos disponibilizar para o seu exercício. Todos os cidadãos que tenham como objetivo Servir e não Servir-se, devem colocar o seu espírito de missão, experiência e saber ao Serviço da Sociedade e disponibilizarem-se para ter intervenção política, seja de forma independente ou partidária.

Uma Democracia é tão mais forte e participativa quanto maior for a credibilidade dos políticos e da sua política. O exercício de cargos políticos deve ser exercido com o único objetivo de Servir, e Servir com a dignidade que o Povo merece e o próprio cargo exige.

Os políticos são exemplo para todo o comportamento de uma Sociedade.

É ainda nosso compromisso de Abril transmitir a sua mensagem nomeadamente às gerações mais novas. Estas gerações que não viveram em Ditadura podem julgar que a Liberdade herdada é algo de perpétuo e inatacável. Devemos transmitir-lhe, de forma inequívoca, que a Democracia é como uma herança: se não for cuidada alguém vai querer ficar com ela, e pretendentes não faltam...

Devemos transmitir a mensagem enquanto cidadãos, pais, família, ensino, associações, coletividades, políticos. Transmitir com a mesma convicção com que se educa ou se ensina valores, crenças e tradições.

Sociedades em que a mensagem de Abril está bem entranhada no seu carácter, serão Sociedades mais esclarecidas, tolerantes, solidárias e sustentáveis. Estarão mais imunes a pretendentes a tiranetes, ou a políticas de ocasião.

Assim se deve comemorar Abril e a sua Mensagem.

Comemorar com alegria e em partilha mas sem esquecer o que aqui nos trouxe. Uma celebração em que todos assumem a obrigação de cumprir deveres no dia-a-dia, para que haja direitos para todos, sempre. Todos os anos renovaremos este compromisso a 25 de Abril.

Nestas comemorações a Assembleia Municipal contou com a participação da Freguesia de Ribeira de Fráguas, que aceitou o desafio de organizar e apresentar os momentos lúdicos, culturais e de convívio que nos acompanham neste dia. Para o Ano o desafio será feito a outra Freguesia.

Desta forma vamo-nos conhecer mais e melhor, pois Albergaria é o todo das suas Freguesias e cada Freguesia é Albergaria.

Viva o 25 de Abril.

Viva a sua mensagem.

Muito obrigado